ISSN: 2594-6153

O Conceito Grego Sobre Hereditariedade e as Implicações do Senso Comum

Acácio Lima dos Santos

Universidade Santa Cecília (UNISANTA), Santos-SP, Brasil

E-mail: acacio22academico@gmail.com

Resumo: Este artigo tem por finalidade examinar o pensamento grego sobre hereditariedade, sua formação, a dinâmica e o desenvolvimento do ser humano, sobretudo, no que diz respeito a participação masculina e feminina neste processo reprodutivo, valendo-se dos estudos e obras de Pitágoras, Ésquilo, Platão e Aristóteles, fundados no senso comum.

Palavras-chave: Hereditariedade; Pitágoras; Aristóteles; Platão; senso comum.

The Greek Concept About Heredity and the Common Sense Implications

Abstract: The purpose of this article is to examine the Greek thinking about heredity, its formation, the dynamics and the development of the human being, especially with regard to male and female participation in this reproductive process, drawing on the studies and works of Pythagoras, Aeschylus, Plato and Aristotle, founded on common sense .

Keywords: heredity; Pythagoras; Aeschylus; Plato; common sense.

Introdução

A hereditariedade e o conjunto de seus fatores determinantes, estava presente em mentes e corações humanos desde os primórdios da era antiga e, talvez possa ser concebido como o embrião daquilo que hoje concebemos como eugenia.

Sabemos que a hereditariedade é um fenômeno que representa a condição de semelhança existente entre ascendentes (geração parental) e descendentes (geração filial), através da contínua transferência de instruções em forma de código (as bases nitrogenadas), inscritas no material genético (molécula de ácido desoxirribonucleico), orientando a formação, desenvolvimento e manutenção de um ser vivo.

Contudo, tal definição partiu de claras evidências científicas obtidas por meio de instrumentos de pesquisas apurados e melhorados ao longo da história humana, sendo certo que o aspecto da hereditariedade, como retromencionado, já povoava o imaginário de povos antigos, mesmo que desprovidos de tais instrumentos de investigação científica de modo que seus raciocínios se pautaram, sobretudo, no senso comum e uma análise sobretudo de observação e comparações.

ISSN: 2594-6153

Ora, o assim chamado “senso comum” nada mais é do que uma forma não-programada de conhecimento oriunda da simples observação de fatos que nos cercam no dia a dia. Na maioria das vezes, esta verificação está desprovida de qualquer racionalidade efetiva, uma vez que alheia às preocupações com detalhes sobre tais fatos, não se ocupando de explicações lógicas com bases científicas ou entendendo serem necessárias à aplicação de testes para a sua comprovação, sendo não raro que a ocorrência de um único evento, possa inferir a formulação de um princípio, e isto, por muitas vezes, associado a naturezas místicas ou sobrenaturais que davam a sustentação necessária à tese desenvolvida.

Ainda assim, é bem verdade que o senso comum foi a forma de conhecimento que nos estabeleceu como civilização moderna, não sendo possível desprezar totalmente o seu valor, sendo oportuno citar como exemplos disto, as melhorias que foram consagradas ao longo do tempo como o melhor manejo de lavouras, criação de animais, o uso de plantas para fins medicinais, ferramentas, máquinas e a roda, entre tantos outros exemplos que poderiam ser aqui elencados.

Objetivos

Entender que, do senso comum, os pensadores gregos conseguiram construir um conhecimento que, se não preciso, passou muito perto disto, porquanto pela mera observação foi possível estabelecer algum critério científico a fim de demonstrar de modo prático, conceitos abstratos, ainda que desprovidos de instrumentos próprios e adequados para tanto.

Metodologia

O presente estudo baseou-se em um levantamento da literatura clássica e contemporânea sobre o tema, por meio de uma pesquisa bibliográfica e descritiva, procurando estabelecer uma discussão entre o senso comum e a validade de seus fundamentos para a ciência, por meio de comparações entre os pensadores gregos suas conclusões e a aplicação destas.

Resultados

A percepção e olhar atento dos filósofos gregos começaram a formar os primeiros conceitos sobre a questão da hereditariedade. Pitágoras, preocupado em dar explicações sobre a similaridade entre pais e filhos foi um dos primeiros a iniciar a discussão lançando uma das mais amplamente aceitas teorias sobre o tema. Para ele, o âmago da questão girava em torno da concentração das informações hereditárias (semelhanças) que, segundo suas deduções,

ISSN: 2594-6153

residiam quase que em sua totalidade no homem, sendo a mulher, simples meio receptor e de fornecimento alimentar para o feto. Em sua concepção teórica, o sêmen era o responsável pela coleta destes dados que, percorrendo o corpo do homem e absorvendo "vapores místicos" de cada uma das partes individualmente (os olhos contribuíam com a cor, a pele com a textura, os ossos com o comprimento e assim por diante). Ao longo da vida, o sêmen de um homem tornava-se uma biblioteca móvel de cada parte do corpo: um destilado condensado do ser [1].

A condição da mulher neste estágio foi, inclusive, a base para o dramaturgo Ésquilo criar através da tragédia grega "Eumênides", fundamento legal para um matricídio, coisa que era considerada uma das atitudes mais perversas, moralmente falando, para a maioria das culturas da época. [2]

Platão, por seu turno, cerca de um século após a morte de Pitágoras, em sua clássica obra, "República", adorna seus conceitos republicanos com a metáfora de Pitágoras sobre hereditariedade. [3][4]

Já Aristóteles, enfraqueceu a tese de Pitágoras através de uma desconstrução sistemática, rejeitando a noção de que a hereditariedade pudesse ser transmitida tão somente pelo sêmen ou esperma masculino, observando que qualquer criança poderia herdar características da mãe ou da avó e, da mesma forma como do pai ou do avô, sendo certo ainda que essas características poderiam ocorrer de forma assimétrica entre as gerações seguintes gerações, aparecendo e desaparecendo de ciclos em ciclos assincrônicos e sem uma lógica ou regularidade aparente, destacando ainda a possibilidade de ascendentes deficientes darem luz a descendentes sadios.

Discussão

O que exsurge destes embates é, sobretudo, notarmos que mesmo sem mecanismos e ferramentas adequadas, o ser humano, a partir da observação sistemática de determinado fato, torna-se capaz de desenvolver teses profundas, com razoável precisão e com repercussão social.

Observa-se que houve aplicação direta da tese de Pitágoras na obra de Platão, e que mais tarde sofreria algum tipo de mudança por consequência dos apontamentos desconstitutivos de Aristóteles. Este último, diga-se, conseguiu prematuramente criar um termo denominado códex, que somente muito tempo de depois, com a ajuda de novos instrumentos de pesquisa, constituiria numa das mais corretas definições para o que hoje chamamos de código genético.

Tudo a partir do senso comum, mas com muita dedicação na pesquisa e observação dos fatos que ensejaram a busca do pleno conhecimento do que acontece ao redor do nosso cotidiano. Yuval Noah Harari, diz em sua obra que três importantes revoluções definiram o curso da história. A Revolução Cognitiva dando início à nossa história, a Revolução Agrícola acelerando-a e a Científica que acabar com tudo e reiniciar outra completamente diferente. [5]

Seria possível então, diante destas pequenas observações históricas da validade do senso comum, dar crédito às conclusões fundadas tão somente nas constatações cotidianas? E até que ponto as conclusões obtidas coma ajuda de ferramentas de pesquisa utilizadas nos dias de hoje são igualmente confiáveis, uma vez que não raro, a ciência dá ora um passo à frente e outro para trás, como é o caso dos vilões da culinária, como o ovo e o sal que, em determinado momento mostram-se saudáveis para o consumo e em outros não? Não estaríamos diante de um eterno obscurantismo científico, dependendo de um certo grau de fé para confiar na ciência como porto seguro em relação às demandas da vida, de qualquer natureza?

E se as concepções de Platão, quando elaborou a sua obra República, implicassem em incorreções pela influência de conceitos errôneos trazidos por Pitágoras com danos ao sistema político da Grécia, quem seria o responsável pelo seu equívoco? Ou em outras palavras, quem teria credenciado os pensadores da época como aqueles que haveriam de apontar os caminhos da nação grega?

De certo modo, penso que talvez possamos afirmar que mesmo hoje, este tipo de situação continua a assombrar as sociedades mundo afora posto que, se ainda optamos pelo obscurantismo científico e deixamos de vacinar crianças e adultos lastreados numa ciência mal aplicada e com resultados altamente duvidosos, apesar de uma sólida base científica para refutá-la, não percebo muita diferença dos embates ocorridos na Grécia antiga dada tamanha similaridade.

Conclusão

Chegamos até aqui, procurando criar provocações sobre a validade do sendo comum e da ciência. Se estas seriam adversárias absolutas ou se haveria algum tipo de conexão que viabilizasse uma convivência harmônica, a partir do que já ocorreu com os gregos e suas disputas. O que podemos afirmar é que o senso comum tem sim o seu valor e deve ser considerado, mormente, porque a ciência, por não ser absoluta e dona da razão. Ainda assim, esta conduz a humanidade em um caminho mais seguro e objetivo, nos tirando da ignorância profunda e franqueando um futuro mais encorajador e ao mesmo tempo desafiador, sendo

certo que, a medida em que caminhamos para ele, as opções se multiplicam e mantém atiçado nosso senso comum de que precisamos estudar mais, muito mais.

Referências

1. Mukherjee, Siddhartha. O Gene. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p.35.
2. Eumênides/Ésquilo/estudo e tradução Jaa Torrano. - São Paulo: Iluminuras FAPESP, 2004, 2. reimp. 2013.
3. Blackburn, Simon. A República de Platão: Uma biografia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2008.
4. A República/Platão. Edição Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
5. Harari, Yuval Noah. Sapiens – Uma Breve História da Humanidade. 30ª ed. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.